



AMA E FAZE O QUE QUISERES: **ANOTAÇÕES SOBRE A ÉTICA AGOSTINIANA**

Love and Do What You Want: *Some Notes on Saint Augustine's Ethics*

Sílvia Maria de Contaldo¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão em torno do princípio ético agostiniano: “Ama e faz o que quiseres”. Ele se propõe também analisar as correlações deste princípio com a ética em geral, que é o reino das ações humanas. Frequentemente repetida e frequentemente mal entendida, ou mal interpretada, a exortação de Agostinho, que se encontra no seu *Comentário à Primeira Carta de João* (VII,8), pode servir como ponto de partida para se aprofundarem o conhecimento e o debate sobre os valores éticos que estão em jogo no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Santo Agostinho; Filosofia; Amor; Ética; Valores.

ABSTRACT: The article aims to propose a reflection on the Augustinian ethical principle “Love and Do what you want” and its correlations with ethics, the realm of human actions. Often repeated and often misunderstood or misinterpreted, Augustine's exhortation, found in his *Commentary on the First Letter of John* (VII, 8), can be a starting point for deepening the knowledge and debate on the ethical values that are at stake in the contemporary world.

KEYWORDS: Saint Augustine; Philosophy; Love; Ethics; Values.

“Sem o amor, todo o resto não serve para nada”
(Santo Agostinho, *Io.ev.tr.87,1*)

1. A questão

“Injúrias, ciúmes, inimizades, guerra e de novo a paz: por toda a parte não estão as situações humanas cheias destes desvios?”². Poderíamos hoje, no século XXI, repetir a

¹ Doutora em filosofia medieval pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). E-mail: silviacontaldo@hotmail.com

² *De civitate Dei*, XIX,V: “Quid itidem illa, quae in amore vitia commemorat idem Terentius: iniuriae, suspiciones, inimicitiae, bellum, pax rursum; nonne res humanas ubique impleverunt? nonne et in

mesma indagação? Em uma de suas obras mais importantes, *A Cidade de Deus*, Agostinho recorda, no Livro XIX /V o poeta e dramaturgo romano Terêncio (ca. 195-159 a.C.) de modo a insistir na força e potência do amor — *caritas* — para que a vida em sociedade seja de paz e não de guerra.

Litígios, contendas, discórdias parecem fazer parte da vida das espécies que vivem coletivamente. Muitas criaturas não racionais disputam sua presa numa batalha aparentemente cruel. Estão ali valendo-se de seu patrimônio genético e, afinal, vence o mais forte ou o mais resistente. No entanto, entre as criaturas humanas as coisas se passam de outra maneira. Para repetir Agostinho, “as situações humanas estão cheias de desvios” que resultam, aí sim, em ódios, guerras e crueldades. O ser humano, afirmou Rousseau, é um ser de excessos. Em seu *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* (1755), o filósofo genebrino escreveu que “a vontade fala quando a natureza cala”³. Esse seria o ponto nevrálgico no qual santo Agostinho, séculos antes, tocou. Se nas criaturas não-rationais a natureza cala — e portanto nenhuma delas comete excesso — no ser humano, ao contrário, a vontade não só fala como briga. Por quê? Onde estaria o motor litigante da nossa faculdade volitiva?

Nos escritos agostinianos, há muito o que ler e aprender sobre as vicissitudes da vontade humana, da qual decorrem diretamente nossas ações voluntárias. É justamente sobre esse movimento oscilante da vontade que pode pender para os excessos que propusemos esta reflexão sobre a ética agostiniana.

2. Algumas anotações

Ao longo da história das ideias filosóficas, muitas expressões vão sendo lapidadas e passadas de geração a geração — às vezes sem maiores aprofundamentos. *Conhece-te a ti mesmo*, inscrição do oráculo de Delfos, atribuída a Sócrates; *Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio*, do pré-socrático Heráclito de Éfeso; *Penso, logo existo*, expressão famosa do pai do racionalismo moderno R. Descartes; *O homem é um animal político*, do estagirita são alguns exemplos desse tipo de divulgação aligeirada da Filosofia. Santo Agostinho também não escapou. A expressão *Ama e faze o que quiseres*⁴ vem sendo

amicorum honestis amoribus plerumque contingunt? nonne his usquequaque plenae sunt res humanae, ubi iniurias, suspiciones, inimicitias, bellum mala certa sentimus.

³ ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*, p. 17-18.

⁴ Cf. *In Epistolae Ioanni*, 7, 8: “Semel ergo breve praeceptum tibi praecipitur: Dilige, et quod vis fac.

repetida à exaustão. E aí está o desafio, não só no que concerne à obra de Agostinho, mas para os textos filosóficos em geral. É preciso buscar o texto dentro do contexto, como ensinava Mestre Abelardo (1079-1142) ao propor procedimentos interpretativos em sua obra *Sic et non* (1135).

Agostinho pronunciou *Ama e faze o que quiseres* “uma primeira vez em 394-395, e uma segunda vez por volta de 415”, conforme nos informa A. Trapé.⁵ E de lá para cá essa sentença tem sido repetida excessivamente e, nem sempre, compreendida corretamente. Pode parecer que o imperativo *faze o que quiseres* é atestado de liberdade sem limites éticos. Se eu amo, ora, eu posso fazer o que eu quiser, afinal minha vontade é livre. Essa interpretação, no entanto, está longe da matiz agostiniana, pois não se trata apenas do amar mas do observar bem o que se ama. Trata-se, pois, de uma íntima conexão entre amor e ética. Em sua obra *A Trindade*, Agostinho nos lembra que “o verdadeiro amor consiste no aderir à verdade para viver na justiça”⁶. E não poderia ser de outro modo, embora haja tantos falsos amores por aí. Amar demasiadamente o poder, o dinheiro, a fama ou outros bens efêmeros é amor desordenado: “é amor falso o amor a si que não seja, antes de tudo, amor a Deus. É amor falso o amor pelos irmãos que não os conduza a Deus, mas os distancia dele. É amor falso o amor que não usa ordenadamente as coisas, mas quer desfrutar delas no lugar de Deus”, escreve A. Trapé.⁷

Para ficar nos perímetros do século XXI, não nos faltam guerras, ódios, intolerâncias — de todas as naturezas, cujas raízes mais profundas estão na inobservância irresponsável das coisas a serem amadas, na falta da caridade, naquele sentido pleno que Agostinho confere a essa palavra, não só em seus escritos, mas em suas atividades pastorais e nas situações mais adversas: “Lembra o que recomendamos: não se distingam as ações dos homens a não ser pela raiz da caridade”⁸. E, infelizmente, na história da criatura humana, tem sido assim. Esquecida, abandonada, sem solo propício para florescer, a raiz da caridade não chega à superfície, vale dizer, à realidade. Já no fim da sua vida e testemunha da queda abissal do Império Romano, Agostinho registrara na Epístola 220⁹, dirigida ao

⁵ TRAPÉ, A. *O homem, o pastor o místico*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018, p. 438-439.

⁶ Cf. *De Trinitate*: “Haec est autem vera dilectio, ut inhaerentes veritati iuste vivamus” VIII, 7, 10.

⁷ TRAPÉ, A. Agostinho. *O homem, o pastor, o místico*. São Paulo: Cultor de Livros. 2018, p. 440-1.

⁸ Conf: In Epistolae Ioanni, 7, 8: “Videte quid commendamus, quia non discernuntur facta hominum, nisi de radice caritatis”.

⁹ Cf. Epístola 220: “Quid autem dicam de vastatione Africae, quam faciunt Afri barbari, resistente nullo, dum tu talibus tuis necessitatibus occuparis, nec aliquid ordinas unde ista calamitas avertatur? Quis autem crederet, quis timeret, Bonifacio domesticorum et Africae comite in Africa constituto cum tam magno exercitu et potestate, qui tribunus cum paucis foederatis omnes ipsas gentes expugnando et terrendo pacaverat, nunc tantum fuisse barbaros ausuros, tantum progressuros, tanta vastaturos, tanta rapturos, tanta loca quae plena populis fuerant, deserta facturos?”.

Conde Bonifácio, tristeza e indignação acerca das atrocidades cometidas pelo seu exército. Nessa carta, escrita por volta de 427/428, Agostinho, já idoso, lembrava sabiamente ao Conde que ele — Bonifácio — deixara de lado os preceitos cristãos. Aquela “conduta ultrajante”, conforme escreve P. Brown¹⁰, era, para Agostinho, uma atrocidade: “tudo o que ele recomendava era o amor à paz”¹¹.

Possídio, em sua *Vida de Agostinho*¹² teve a exata percepção daquele momento na vida de Agostinho quando registrou: “o homem de Deus [Agostinho] pensava e refletia de maneira diferente dos demais sobre tal feroz irrupção e devastação dos inimigos, e porque se realizara e estava se fazendo”. De fato, o mundo ruía e toda e qualquer possibilidade de viver alguma paz social. Registra ainda Possídio as trágicas consequências daquele período em que as cidades sucumbiram ao cerco dos povos chamados *bárbaros*:

via as cidades arruinadas e juntamente com os edifícios das aldeias, alguns dos habitantes perecerem nas mãos dos inimigos, outros fugirem e se dispersarem, as igrejas desprovidas de bispos e ministros, virgens sagradas e ascetas dispersos por toda parte; no meio dos tormentos, uns não resistiram outros foram mortos à espada, outros foram feitos cativos, e tendo perdido a integridade corporal e a fé espiritual, estavam péssima e duramente a serviço dos inimigos¹³.

A pergunta então é esta: será que a recorrente história de lutas, discórdias, guerras e *desvios* de toda sorte não seria consequência de amores desordenados em seu mais alto grau? Por que as criaturas humanas, possuidoras de inteligência e razão, preferem e insistem nas guerras sem nenhum propósito? Para qual direção sua vontade pendular insiste em demorar-se?

É óbvio que não faltam análises sócio-histórico-culturais que dão conta de explicar o complicado xadrez dos jogos de poder, dos acordos políticos, das ideologias enviesadas. Mas não é esse o nosso enfoque nessas anotações. Lembremos aqui do Sermão 344, pronunciado em Hipona, por volta de 428, no qual Agostinho enfatiza a distinção entre o amor a Deus — eterno — e o amor às coisas terrenas, que são transitórias, efêmeras. Essa tensão entre dois amores, a ponto de instaurar um litígio entre as vontades, até deixarmos de observar e de atentar ao objeto amado, não teria sua origem justamente na falta do

¹⁰ BROWN, P. *Santo Agostinho. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 529.

¹¹ BROWN, P. *Santo Agostinho. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 529.

¹² POSSÍDIO. *Vida de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 74.

¹³ POSSÍDIO. *Vida de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 75.

exame mais íntimo e minucioso do leque de bens para o qual o pêndulo da nossa vontade se inclina?

Agostinho, sabemos, é mestre da interioridade. Inaugura, na história das ideias do Ocidente, esse território interior, convidando a todos, sem distinção, para um mergulho no mais profundo de si. Esse movimento quebra as crostas, descontrói os vernizes reluzentes dos falsos bens e nos desconcerta:

Volta à tua consciência, interroga-a tua consciência! Não consideres a flor que aparece fora, mas a raiz que está na terra. Será a cobiça que está na raiz? Nesse caso, podem as flores ter boa aparência de boas obras, mas na realidade não o são. Será a caridade que está na raiz? Estai tranquilos. Essa raiz não pode produzir nada de mau¹⁴.

No conjunto da obra agostiniana, está posta essa exortação. Algumas vezes com mais veemência, outras envoltas numa linguagem pastoral. De qualquer forma, Agostinho não permite outra saída para avaliar nossas ações senão a medida desse termômetro ético, por assim dizer. Qual é a medida do seu amor?

Por exemplo, na carta que Severo, bispo de Milevis, lhe escreve, é evidente que seus antigos companheiros haviam aprendido com ele o quanto a prática amorosa é exigente: “No amor a Deus não nos é imposta nenhuma medida, porque, nesse caso, a medida é aquela de amar sem medida. Não é preciso preocupar-se com amar mais, mas só temer amar menos”¹⁵.

Vejamos, então, as possibilidades — no território humano — de amar mais ou amar menos segundo os movimentos da nossa vontade livre.

3. *Faze o que quiseres*

Talvez seja um dos maiores dilemas da vida humana. Nascer e ter de escolher, a cada momento, o que ou quem amar. A vida, na sua concretude, não dá trégua. De escolhas mais banais a momentos de dilaceramentos existenciais, o amor está sempre posto na balança. Agostinho — ele mesmo passou por diversos dilemas, escolhas cruciais e muitas vezes dolorosas — nos deu uma boa radiografia da vontade humana em suas *Confissões*.

¹⁴ Cf. In Epistolae Ioanni, 8, 9i: Redi ad conscientiam tuam, ipsam interroga. Noli attendere quod floret foris, sed quae radix est in terra. Radicata est cupiditas? species potest esse bonorum factorum, vere opera bona esse non possunt. Radicata est caritas? securus esto, nihil mali procedere potest.

¹⁵ Cf. *Epístola* 109, 2: “In quo iam nullus nobis amandi modus imponitur, quando ipse ibi modus est sine modo amare. Non ergo verendum est ne plus amemus Dominum nostrum, sed ne minus, timendum.”.

Séculos mais tarde, o francês Jean Paul Sartre (1905-1980) também escancarava para o sujeito do século XX, que assistia perplexo a duas grandes guerras em curto espaço de tempo, sua situação existencial: “Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; e, no entanto livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer”¹⁶.

Para evitar confusão entre horizontes histórico-culturais absolutamente distintos entre si, fique claro que a alusão ao Existencialismo sartreano tem por objetivo explicitar que o tema da liberdade da vontade atravessa o leque dos pensadores e continua inconcluso. Ainda que vivamos hoje na sociedade do *prêt-à-porter*, o sujeito humano não escapa do enfrentamento de decidir ou escolher, a todo instante, que medida dará ao seu amor. E, parece, temos feito escolhas equivocadas, seja como indivíduos, seja como espécie. Basta elencar, de forma genérica, os desafios que a humanidade — como espécie — tem pela frente: destruição do meio ambiente, guerras nucleares, supremacia da inteligência artificial. Obviamente não eram os mesmos problemas do século de Agostinho, mas, entre um tempo e outro, há um denominador comum: o amor, peso da nossa vontade. É o que está posto no Livro XIII de *Confissões*:

O corpo, com seu peso, tende para o lugar que lhe é próprio. O peso não tende apenas para baixo, mas para o lugar que lhe é próprio. O fogo tende para cima, a pedra para baixo. Levados pelos seus pesos, procuram os lugares que lhes são próprios. [...] O meu peso é o meu amor; sou levado por ele para onde quer que eu seja levado¹⁷.

Ainda no mesmo Livro XIII – de *Confissões*, Agostinho nos oferece uma prece que é ao mesmo tempo um pedido e uma constatação de certa precariedade ética quando nos falta o exame criterioso do objeto do nosso amor:

Dá-te a mim, ó meu Deus, devolve-te a te a mim: eis que te amo, e, se é pouco, que te ame com mais força. Não posso medi-lo, de modo a saber quanto me falta de amor para o que é suficiente, para que a minha vida corra para os teus abraços e não se aparte, enquanto se não esconder no refúgio do teu rosto. Sei apenas que, sem ti, me

¹⁶ SARTRE, J.P. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Presença, 1970, p. 228

¹⁷ Cf. *Confissões*, XIII, ix, 10: “Corpus pondere suo nititur ad locum suum. Pondus non ad ima tantum est, sed ad locum suum. Ignis sursum tendit, deorsum lapis. Ponderibus suis aguntur, loca sua petunt. Oleum infra aquam fusum super aquam attollitur, aqua supra oleum fusa, infra oleum demergitur; ponderibus suis aguntur, loca sua petunt. Minus ordinata inquieta sunt: ordinantur et quiescunt. Pondus meum amor meus;

sinto mal, não apenas fora de mim, mas também dentro de mim mesmo, e que toda abundância, que não é o meu Deus, é para mim indignidade¹⁸.

Sentir-se indigente, nessa perspectiva, é o que denominamos precariedade ética, sem nenhuma conotação pejorativa. Trata-se apenas da constatação de que nós, indivíduos que vivemos em sociedade, nem sempre temos em mãos o fiel da balança e é preciso uma ardente paciência¹⁹ para sopesar os pratos da balança, sem que pese mais o que deve ter menor peso ou que pese menos o que deve pesar mais. Dessa desmedida resultam violências de várias naturezas: violências sociais, violências econômicas, violências físico-emocionais que travam o fim último que todos desejaríamos: viver em sociedades (mais) justas.

Não seria exagero dizer que Agostinho dedicou boa parte de sua vida e de sua obra em defesa do amor como prática de vida, tanto no âmbito da vida privada quanto no âmbito da vida coletiva. É o que podemos ler nesta passagem de valor atemporal do *Comentário à ao Evangelho e ao Apocalipse de São João* (Tratado XXXII,1):

Quanto a nós, se temos sede, vamos, não a caminhar com os pés, mas com os afetos; vamos, não pelo movimento, mas pelo amor. O homem interior, quando alma, também se movimenta. Uma coisa é movimentar-se com o corpo, e outra com o coração. Movimenta-se com o corpo o que muda de lugar, pela deslocação do corpo, movimenta-se com o coração o que muda de afeto, por uma nova orientação do coração. Se amas um objeto diferente do que amavas, já não estás onde estavas.²⁰

Essas indagações ensejam o exame cuidadoso de nossas escolhas e suas consequências. Não há aqui — e também em Agostinho — nenhum falso moralismo ou qualquer coisa que traga à tona os velhos catecismos: *cuidado, Deus está vendo -cave deus videt -* o que levaria a uma concepção ética utilitarista, segundo a qual nossas ações são quantificadas e não qualificadas. Ao contrário, Agostinho insiste no autoconhecimento como pilar ético cuja sustentação estaria na prática cotidiana do preceito “Ama e faze o que quiseres”:

¹⁸ Cf. Confissões, XIII, viii, 9: Da mihi te, Deus meus, redde mihi te; en amo et, si parum est, amem validius. Non possum metiri, ut sciam, quantum desit mihi amoris ad id quod sat est, ut currat vita mea in amplexus tuos nec avertatur, donec abscondatur *in abscondito vultus tui*⁴⁰. Hoc tantum scio, quia male mihi est praeter te non solum extra me sed et in me ipso, et omnis mihi copia, quae Deus meus non est, egestas est.

¹⁹ Tomo aqui emprestado o título original do romance *Ardente Paciência*, do escritor chileno Antonio Skármeta (1940), transposto para o cinema sob o título *O Carteiro e o Poeta*, em 1983.

²⁰ Cf. Evangelium Johannis Tractatus (XXXII, 1). Si sitimus, veniamus; et non pedibus, sed affectibus; nec migrando, sed amando veniamus. Quamquam secundum interiorem hominem, et qui amat migrat. Et aliud est migrare corpore, aliud corde: migrat corpore qui motu corporis mutat locum; migrat corde, qui motu cordis mutat affectum. Si aliud amas, aliud amabas, non ibi es ubi eras.

Uma vez por todas, foi-te dado um breve mandamento: Ama e faz o que quiseres. Se calas, cala-te movido pelo amor; se falas em tom alto, fala por amor; se corriges, corrige com amor; se perdoas, perdoa por amor. Tem no fundo do coração a raiz do amor: dessa raiz não pode sair senão o bem²¹.

Sim, faz o que quiseres, mas não sem atenção cuidadosa ao que se ama. Ou melhor, não sem profundo e inarredável acordo consigo mesmo, pois, ensina Agostinho, “muitas coisas podem ser feitas sob a aparência do bem, mas que não procedem da raiz da caridade. Os espinheiros também apresentam flores”²². Não sejamos espinheiros.

Referências

- BROWN, Peter. *Santo Agostinho. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- POSSÍDIO. *Vida de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*, p. 17-18. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000053.pdf>. Acessado em: abril de 2022.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000
- SANTO AGOSTINHO. *Comentário da Primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SANTO AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho e ao Apocalipse de São João*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.
- SANTO AGOSTINHO. *De Trinitate*. Disponível em: <https://www.augustinus.it/latino/index.htm>. Acessado em: abril de 2022.
- SANTO AGOSTINHO. *De civitate Dei*. Disponível em: <https://www.augustinus.it/latino/index.htm>. Acessado em: abril de 2022.
- SANTO AGOSTINHO. *Epistolae*. Disponível em: <https://www.augustinus.it/latino/index.htm>. Acessado em: abril de 2022.
- SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Presença, 1970.
- TRAPÈ, Agostino. *Agostinho. O homem, o pastor, o místico*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

²¹ Cf. *Epistolae Ioanni*: VII, 8. “Dilige, et quod vis fac: sive taceas, dilectione taceas; sive clames, dilectione clames; sive emendes, dilectione emendes; sive parcas, dilectione parcas: radix sit intus dilectionis, non potest de ista radice nisi bonum existere”.

²² Cf. *Epistolae Ioanni*, VII, 8: Nam multa fieri possunt quae speciem habent bonam, et non procedunt de radice caritatis. Habent enim et spinae flores: quaedam vero videntur aspera, videntur truculenta; sed fiunt ad disciplinam dictante caritate.